

OS PROFETAS DE CONGONHAS

Hélcio Pupo RIBEIRO

Deixando o asfalto do século XX, na direção Belo Horizonte-Rio de Janeiro, entramos à direita, buscando a cidade-santuário, onde se encontra o melhor de tudo quanto foi criado pelo Aleijadinho: Congonhas do Campo. A cidade é pequena, pobremente acomodada nas lendas populares e nas tradições religiosas. Sobre a colina circundada por portentosa cordilheira - a nordeste a Serra de Santo Antônio, à esquerda a Serra de Ouro Branco - dominando com orgulho a paisagem verdejante e farta, destaca-se, altaneiro, o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. "Parece um presépio armado por mão divina na palma da mão da montanha" (Oswald de Andrade).

Segundo relato histórico, Congonhas nasceu de mãos portuguesas que, seguindo a bandeira de Bartolomeu Bueno, fixaram-se no local agora denominado Conselheiro Lafaiete. Depois, atraídos pela lavra preciosa do rio Maranhão, digno afluente do acidentado Paraopeba, iniciaram a mineração com excelentes resultados. Tudo deu certo. Aí firmaram-se, então, por volta dos anos 1690/1700.

Assim surgiu a venerável Congonhas do Campo, nome dado em virtude da vegetação homônima abundante na região. Os homens chegaram com uma idéia: trabalho e riqueza. Mas traziam na mente a crença no Evangelho do Cristo da Galiléia. Seriam fortes porque estavam com Deus. Haviam de vencer.

Foi então que o português Feliciano Mendes, devoto fervoroso do Bom Jesus de Matosinhos, cuja lembrança piedosa trazia viva na memória, iniciou o culto consagrado à milagrosa imagem.

Durante quatro anos caminhou como eremita, mochila às costas, angariando donativos para a construção do templo, que é iniciada

no dia 21 de junho de 1757, com a aprovação de D. Manuel de Bruz, primeiro bispo de Mariana. Ao levantamento do grande cruzeiro, o entusiasmo a todos contagiou. O término da obra, então consagrada como basílica, deu-se em 1776, quando o seu mais ardente e fiel apóstolo já não mais vivia: a 23 de setembro de 1765, era sepultado Feliciano Mendes, o peregrino de Matosinhos.

“Congonhas é a determinação e a tragédia”, diz Sílvio de Vasconcelos. O lusitano Feliciano Mendes tomou a si a tarefa de engrandecê-la. Foi uma determinação. A tragédia chegou com outro homem, o corpo cheio de dores, a cabeça embranquecida pelos anos, o coração amargurado pelas desilusões humanas. Vai eternizá-la com seu gênio. É Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Através de tortuosa ladeira, margeada por palmeiras centenárias que são, com certeza, as únicas testemunhas dos dias de glória cristã do povoado, chega-se ao alto da colina onde está o Santuário. Começa o espetáculo.

No adro, construído por Tomás de Maia Brito, nos esperam, em muda expectativa, as doze figuras dos profetas do Antigo Testamento, eternizados na pedra brasileira. As expressões, as mais variadas, rigidamente severas e dramáticas, quase trágicas, algumas. Pelos gestos das mãos e contorsões dos corpos afilados, parecem dançar um balê fantástico ao som de macabra e imaginária música.

Figuras altas, angulosas à maneira gótica, estão cheias de êxtase como o desejou Antônio Francisco Lisboa. Não anunciam paz nem esperança, piedade ou amor, fausto ou pompa. Não! São os arautos dos maus preságios. Preparemo-nos. Isaías tem os olhos para os céus voltados e lembra na sua cartela que “enquanto os serafins adoravam ao Senhor, foi encostada por um deles uma brasa em seus lábios”. Ezequiel, de porte severo, anuncia o castigo para os opressores. Jeremias lamenta e chora a destruição de Jerusalém. Baruc freme ao predizer o fim da humanidade. Oséias propõe o perdão à adúltera, pois acredita na regeneração. A Assíria dissoluta e sua capital Ninive, cidade do pecado, serão banidas da terra, é a profecia de Naum. Que ser estranho e fantástico é a baleia exausta aos pés de Janas! Daniel safu incólume da cova dos leões e um deles aí está, submisso, alçando a cabeça para receber um afago. O profeta é pura imagem da sublime placidez. O humilde Amós, contempla, sereno, o

casario silencioso a seus pés: nascido pastor, tornou-se profeta. Estudiosos das artes admitem a possibilidade de somente duas destas estátuas terem sido feitas inteiramente pelo Aleijadinho: Daniel e Jonas, as únicas em monobloco.

As expressões são características: cabeças ligeiramente aumentadas em proporção ao corpo, rostos finos, angulosos, os narizes afilados, os olhares vivos, perscrutadores. Na deformação intencional das mãos, o comentado paralelismo dos dedos chama a atenção. Os pés dão a impressão de estarem erradamente calçados. O direito, com a bota esquerda e o esquerdo com a direita. É possível que o escultor tomasse por modelo as próprias botas, deformadas necessariamente para não ferir os dedos ulcerados. Preferimos aceitar a idéia do expressionismo interior, visão do artista em pleno êxtase da inspiração criadora. "... esses defeitos não são defeitos, mas qualidades expressivas", diz Sérgio Milliet. "Através das deformações inesperadas das figuras é que o escultor exprima sua alma atormentada, que toma partido apaixonadamente no drama religioso. Assim faziam os entalhadores da Idade Média e por esse mesmo expressionismo escapa o escultor à ortodoxia barroca, sensual mas nunca trágica". Nos profetas, Antônio Francisco Lisboa trabalhou durante cinco anos, desde 1800, ano da encomenda, a 1805, quando ficaram prontos. Em tamanho natural, vistos em conjunto, dispersos pelo adro defronte ao templo, as silhuetas magras, recortadas no azul do céu engalanado por palmeiras, o grupo espetacular compõe essa milagrosa integração constituía pela arquitetura-escultura-paisagem.

O Santuário, no melhor estilo barroco, teve a capela-mor construída por João Antunes de Carvalho e os campanários pelo mestre Domingos Antônio Dantas.

Minucioso trabalho de entalhamento reveste os púlpitos de cedro pintado e dourado, os baluartes de jacarandá e boa parte do coro igualmente. Na pintura, trabalharam lado a lado Bernardo Pires da Silva, que fez a capela e João Nepomuceno Correia de Castro, que pintou a nave. A este último devem-se, ainda, os grandes óleos de gosto renascentista com temas da Paixão. No grande altar, o retábulo divide-se entre os efeitos da douração, da pintura e da talha, com os ornamentos multiplicando-se febrilmente nas volutas graciosas, capitéis estilizados, querubins floridos galgando todas as direções. Sob o altar principal jaz a imagem, em madeira,

do Senhor Morto, doada pelo peregrino Feliciano Mendes, de autor desconhecido.

Ao lado da sacristia, em prédio à parte, uma sala abarrotada de imagens, a sala dos milagres, com mil e uma manifestações de agradecimentos por graças recebidas: fotos, velas, máscaras de cera, etc. No meio de centena de ex-votos, destaca-se, impressionante, uma liteira dita como sendo do Aleijadinho, na qual era conduzido por seus auxiliares e amigos Maurício, Agostinho e Januário.

Ao descer para as capelas dos Passos ou Passos da Paixão, ainda nos voltamos para uma última olhada na esplêndida portada da Igreja. Talhada em pedra-sabão, a esteatita, matéria prima que fez um homem e por ele tornada obra prima. Beleza autêntica se encontra na coroa ao alto, símbolo celestial do reino de Maria, burilada com incomum lavor e consagrada à rainha-mãe de Cristo. O medalhão, logo abaixo, é circundado por faixas de sóbria formosura. O senso estético do artista faz descer, à esquerda e à direita, ornamentos em relevo decorando os batentes com saliências arredondadas tais consolos de apoio. Sorridentes, os três anjos bochechudos nos acompanham com olhar brejeiro. A pátria esverdeada do tempo ameaça encobrir a pedra, que resiste. Apenas sucumbe à colossal afirmação do esplendor feérico que a envolve.

Teria a escadaria de Bom Jesus de Braga, conhecida como escadório dos cinco sentidos, obra memorável do arquiteto Cruz Amarante, inspirado o Aleijadinho, em Congonhas? Não acreditamos. Antônio Francisco Lisboa não copiou nada. Ele possuía inspiração clarividente pessoal, tinha estilo próprio, crepitava em sua alma a chama inovadora, sequiosa por materializar-se em obras de arte, portadas, estátuas, púlpitos e imagens. São em número de seis as capelas logo abaixo, no declive. O acesso a cada uma é feito em caminho ziguezagueante. Na primeira está a Última Ceia. Ao redor da mesa circular, os doze apóstolos se encontram. João debruça-se no ombro do Divino Mestre. Pedro medita com ar severo. Judas procura dissimular a traição, com o dinheiro já à mão. É figura muito maltratada pelos visitantes, que, em outras épocas, até tiro e facadas recebeu. Jesus no Monte das Oliveiras é a segunda estátua ou passo. Os apóstolos dormem. Cristo recebe o cálice da amargura. As imagens perfeitas, magníficas, parecem estar vivas tal a força da expressão e a presença em tamanho natural. A Prisão de Cristo mostra os personagens

em movimento, como que flagradas em fotográfico instantâneo. Pedro fere um soldado. O sangue jorra vivo e quente. Os algozes são caricatos, disformes, de nariz adunco e expressão cruel. Foram feitos assim, intencionalmente, para amedrontar e produzirem aversão. Afinal, são os carrascos de Jesus!

Nem todas as figuras dessa Via Sacra sobrenatural foram esculpidas pelo Aleijadinho. Algumas delas mostram imperfeição e são menos importantes. Foram trabalhadas por seus assistentes sob sua orientação. O Cristo flagelado é obra-prima. Nada de languidez e submissão. Ao contrário, é atlético, forte, mas resignado. Os detalhes da anatomia impressionam, revelando conhecimento profundo e minucioso do corpo humano. Os pulsos estão amarrados fortemente. As veias e artérias se entumescem. Dobrada, a perna direita mostra músculos retezados. No joelho, a ródula saliente parece desprender-se. Diante desta imagem impressionante, o historiador francês Germain Bazin não se contém e exclama, admirado: "Parece incrível que, num país perdido do outro lado do Atlântico, um mestiço, paralítico das pernas, produza esta obra sublime, a última aparição de Deus evocada pela mão do homem!" Continuemos admirando o Caminho do Calvário e a Crucificação. Gesta, um dos ladrões, tem feição terrível. Os legionários romanos são ainda piores, carrascos terríveis. Ao todo, sessenta e seis figuras de madeira, onde a bela arte atingiu plenitude incomparável. Foram encarnadas policronicamente por Francisco Xavier de Brito e Manuel da Costa Ataíde. Ambos souberam completar colorindo a madeira que virou carne.

Percorrendo a ladeira empedrada a caminho da cidade atual, temos do outro lado, na encosta da montanha, a bela Matriz de Nossa Senhora da Conceição. A não ser uma bonita imagem espanhola da padroeira engastada no altar-mor e os altares laterais simples, o que é de mais valioso é a esplêndida portada, cuja beleza de risco e realização honram o seu autor que, segundo alguns, é o Aleijadinho.

Congonhas emociona, surpreende, encanta. Em Congonhas aprendemos de verdade a significação da palavra gênio. Porque, como referiu Álvaro Moreyra, "gênio foi o Aleijadinho e, talvez, o mais definido do mundo - por isso mesmo - sem definição".

Neste momento, é oportuno lembrar da historiadora Helena Brans Venturelli e sua obra **Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho**, editada em 1979. Nela, sua evidente condição de pesquisadora e eminente

conhecedora da nossa história, oferece um trabalho pertinente, subjetivo e fantasioso e inteiramente válido em termos de literatura consistente, agradável e divagadora, que poderia ser, mas não é, mais convincente.

Estabelecendo um paralelo hipotético entre os profetas do grande toreuta e os conjurados da Rebelião de Vila Rica, Isolde apresenta Isaías como a figura de Domingos de Abreu Vieira, o mais idoso dos rebeldes, próspero comerciante lusitano em Vila Rica. Jeremias é Francisco de Paula Freire de Andrade, tenente-coronel do Regimento de Dragões. Abdias e Habacuc são, respectivamente, José Álvares Maciel, possuidor de bela vivenda no morro do Cruzeiro, onde diversas reuniões dos conspiradores se realizaram; seu companheiro e amigo Domingos Vidal Barbosa Lage é Habacuc, ambos recém-chegados de cursos concluídos na Europa. Daniel, coroadado de louros, com o leão submisso ao pé, seria o poeta Tomás Antônio Gonzaga. Jonas, o profeta da baleia, é Tiradentes, líder e herói da Inconfidência. Alvarenga Peixoto, marido de Bárbara Heliadora, é Oséias e Cláudio Manoel da Costa está na imagem de Joel. Naum representa Francisco Antônio de Oliveira Lopes, personagem decadente e secundário. O sargento-mor Luís de Toledo Piza, irmão do inconfidente Padre Toledo, é lembrado na postura austera de Ezequiel. Baruc, sorridente, poderia ser o médico Salvador Carvalho do Amaral Gurgel. Encerrando este cortejo de profetas que o Aleijadinho ressuscitou na pedra-sabão e que são, na interpretação política, imaginosa e fértil da autora, temos a eloqüente figura de Amós, tida como um auto-retrato do escultor aleijado. Isolde fixa sua afirmação em detalhes como o barrete frígido da Revolução Francesa e as calças dobradas acima dos pés, como as pessoas simples, do povo, usavam. Faltam, porém, meios de comparação.

Em 1978, estive no Brasil o italiano Franco Maria Ricci. Foi visitar os monumentos de Congonhas. Sensibilizado com o valor artístico das esculturas das figuras do Antigo Testamento, escreveu o livro **Atos dos Apóstolos do Aleijadinho**, obra editada em Milão. Na Introdução, o autor escreve uma frase tão bela quão oportuna, que serve como fecho brilhante para este comentário, eis que, em ambos os casos, profetas ou conjurados, se adapta admiravelmente: “O vento do Êxtase e o vento da Dor agitam as figuras do sacro monte de Congonhas”.